

*Fundo Sindicato dos
Metalúrgicos de Volta
Redonda: uma experiência
de pesquisa*



FUNDO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE VOLTA REDONDA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

RESUMO

Este artigo busca discutir as fontes disponíveis no Fundo Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, integrante do Arquivo Edgard Leuenroth, e as possibilidades de pesquisa que ele abriu para o desenvolvimento de minha dissertação de mestrado. Neste sentido são expostas as conclusões e os temas da pesquisa que fiz sobre a greve ocorrida na Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, em novembro de 1988.

PALAVRAS-CHAVE

Greves e *lockouts*; Sindicalismo; Movimento operário; Companhia Siderúrgica Nacional (Brasil)

Edilson José Gracioli¹ **FUNDO SINDICATO DOS METALÚRGICOS
DE VOLTA REDONDA: UMA EXPERIÊNCIA
DE PESQUISA²**

Ao longo deste artigo procuraremos mostrar como, em nossa experiência de pesquisa, foram fundamentais os recursos do Fundo Volta Redonda³, que compõe o Arquivo Edgard Leuenroth - AEL - Centro de Pesquisa e Documentação Social, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Este fundo documental constituiu-se com a transferência, no final de 1989, de parte expressiva do arquivo do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda,⁴ e reúne cerca de oito mil documentos, cobrindo um período que se estende da criação da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, em 1941,⁵ até o final dos anos 80.

¹ Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia - MG, Mestre em Sociologia e Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp. ejgmz@triang.com.br

² O momento em que este artigo foi escrito coincidiu com o do início da redação de minha tese de doutorado, cujo objetivo central foi o de buscar a inteligência do processo de mudança na orientação política que viveu o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, a partir da vitória da Força Sindical, nas eleições de 1992 e 1995, onde um padrão de ação sindical e um projeto político-sindical, marcados pelo confronto e pela perspectiva anticapitalista, deram lugar ao discurso e à prática do sindicalismo de parceria. Em ambos os momentos (mestrado e doutorado), o Fundo Volta Redonda foi de grande importância.

³ Citado, deste ponto em diante, pela expressão Fundo VR.

⁴ Trata-se, na verdade, do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas, de Material Elétrico, de Material Eletrônico e de Informática de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende, Itatiaia e Quatís. Utilizaremos as expressões "Sindicato" ou "Sindicato dos Metalúrgicos", indistintamente, para designar esta entidade sindical.

⁵ O Decreto-Lei n. 3.002, de 30 de janeiro de 1941, criou a CSN. Seus estatutos foram aprovados em 9 de abril de 1941, data assumida como a da sua fundação.

CONTEXTO E ABRANGÊNCIA DA PESQUISA

A pesquisa que realizamos, entre março de 1991 e agosto de 1994, referiu-se ao projeto que desenvolvemos no Programa de Mestrado em Sociologia do IFCH, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Luiz Coltro Antunes, cujo resultado foi apresentado como dissertação de mestrado, intitulada *A ponta de um iceberg: a greve na CSN em novembro/88*, aprovada em novembro de 1994, e publicada, com pequenas mudanças, pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia - Edufu, em setembro de 1997, com o título *Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve em 1988*.

Poucos acontecimentos se impõem, pela sua contundência, à reflexão da história recente do país como a greve dos operários da Companhia Siderúrgica Nacional, realizada de 7 a 23 de novembro de 1988. Durante 17 dias, Volta Redonda conviveu com um confronto em que resistência operária e atrocidade político-militar foram as protagonistas principais. A repressão, que empregada pela Polícia Militar - PM e pelo Exército, provocou a morte de três operários no dia 9 de novembro, colocou a nu a dramaticidade com que o movimento dos trabalhadores se processou.

Trinta e cinco dias haviam-se passado desde a promulgação da Constituição, e a ordem social (definida, em seu Artigo 193, como a que teria por base o primado do trabalho e por objetivos o bem-estar e a justiça sociais) revelava o imenso fosso entre a realidade e o devaneio.

Ao longo da pesquisa procuramos buscar, tanto quanto possível, a região submersa do *iceberg*, cuja parte visível correspondeu àquela greve. O que colocou os operários em movimento? Qual a lógica que aí predominou: a espontaneidade operária ou a organização? Como se manifestaram as dimensões econômica e política durante a processualidade da greve? A que se deveu a radicalidade da forma que a paralisação adquiriu, isto é, greve de ocupação? Enfim, qual a significação essencial lograda pela recusa dos operários da CSN em continuar a vender sua força de trabalho nas condições então vigentes?

RECURSOS E POSSIBILIDADES DO FUNDO VR

A cobertura que a grande imprensa deu à greve em questão qualificava-a, via de regra, como uma típica “greve selvagem”, expressão com que, fenomenicamente, percebia-se e representava-se o movimento. Tendo pela frente a problemática acima indicada, nosso objetivo era, portanto, descobrir o conjunto de nexos que determinaram os contornos daquela greve. Para tanto, os instrumentos consagrados de pesquisa foram utilizados, incluindo-se, obviamente, pesquisa de campo, com destaque para as entrevistas abertas com atores sociais envolvidos naquele processo.

Todavia, o Fundo VR mostrou-se, na prática, insubstituível às tarefas de obtenção de informações e levantamento dos documentos, dada a diversidade de material impresso e fotográfico nele disponível. No momento em que o consultamos (ao longo de 1992 e início de 1993) o AEL ainda não o havia incorporado em suas dependências. Realizava-se, então, o trabalho preliminar de organização, em uma sala do prédio da pós-graduação do IFCH, razão pela qual nos foi de singular importância a compreensão por parte da sua direção e do seu corpo técnico ao permitir a pesquisa em condições ainda não ideais.

Em meio a inúmeros registros contábeis, cópias de convênios e notas fiscais, os documentos que nos interessavam mais efetivamente começaram a ser localizados. Boletins, jornais e panfletos da imprensa sindical traziam os posicionamentos, as análises e os perfis dos dirigentes sindicais, das correntes existentes no interior da diretoria do Sindicato e das oposições sindicais.

Desde a primeira vitória do Grupo de Oposição Sindical em Volta Redonda, no ano de 1983, até novembro de 1988, Juarez Antunes se firmou como principal liderança junto à massa operária. Sua linha de atuação priorizava as assembleias deliberativas e as reuniões de diretoria. Um outro trabalho, entretanto, garantia o nível de organização e mobilização dos trabalhadores. A bem da verdade, o Grupo de Oposição Sindical formou-se em meados dos anos 70, contando com muitos militantes da Ação Católica Operária - ACO, com algumas organizações de esquerda (Convergência Socialista e Movimento pela Emancipação do Proletariado), anos antes do ingresso do

Juarez Antunes. Vários ativistas sindicais, membros das CIPAs e militantes de base construíram uma rede de comissões de fábrica na CSN e na Fábrica de Estruturas Metálicas - FEM, subsidiária da CSN. Nos momentos em que a repressão se intensificava por parte da diretoria e das chefias (proibindo, inclusive, a presença de diretores do Sindicato nas empresas), essas comissões davam sustentação aos movimentos reivindicatórios e grevistas. Aparentemente, estas duas colunas da ação sindical poderiam se completar e, por vezes, isto se deu de fato, como no caso da greve que estudamos. Entretanto, no dia-a-dia a relação entre elas era de tensão e de ênfases distintas. A primeira girava em torno da sua principal referência de massa; a segunda, ensejou uma rica experiência de resistência operária com alto grau de participação da base, que culminou com uma modalidade avançada de greve, a greve de ocupação. Durante o movimento de novembro de 1988, os trabalhadores experimentaram, breve e embrionariamente, o controle operário da usina. Ao contrário do que diziam o Governo Federal e as Forças Armadas, foram os trabalhadores os responsáveis pela manutenção e preservação dos equipamentos essenciais (como altos fornos) da CSN.

Ora, os documentos do Fundo VR trazem, por exemplo, registros dessas concepções sindicais em disputa. Tomar contato com elas proporcionou-nos uma visão sem a qual não teríamos logrado o objetivo da pesquisa. O nível de organização obtido com as comissões de fábrica produziu uma situação em que os trabalhadores manifestavam suas posições não apenas durante as assembléias, mas respondendo questionários contendo aspectos atinentes às negociações coletivas, deflagrações e formas de organizar greves. Tais questionários, a diretoria do sindicato anexava aos boletins e recolhia ao término do turno. A rebeldia operária tinha nestes instrumentos uma expressão menos atrelada ao carisma das lideranças e, conseqüentemente, mais efetiva na resistência à exploração e ao despotismo fabril.

A cobertura da imprensa escrita também compõe o Fundo VR. Entrevistas, reportagens e editoriais do *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Dia*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Correio Brasiliense* permitiram-nos recuperar como governo, empresariado, dirigentes partidários e dirigentes sindicais de outros centros viram e agiram em relação àquela greve. A violência com que o Exército reprimiu os grevistas se estendeu à população de Volta Redonda e a profissionais da própria imprensa:

A situação ficou tão tensa que as tropas do Exército jogaram bombas de gás lacrimogêneo em direção a crianças. Na rua 25-A, os militares fizeram barricadas de fogo para impedir a passagem dos metalúrgicos, e as portas do clube dos funcionários da siderúrgica foram quebradas pelos militares.⁶

O conflito com as tropas de choque do Exército e da Polícia Militar destruiu o posto de gasolina 9 de Abril. O funcionário da prefeitura, Elias Oliveira Souza, foi atingido por um golpe de baioneta na altura do coração por um soldado do Exército, e está hospitalizado. Jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas foram espancados durante a ação militar, e o repórter fotográfico de O Dia, Oswaldo Prado, teve o braço fraturado...⁷

O padrão de ação utilizado pela Nova República em greves nas estatais foi explicitado contundentemente:

O confronto entre metalúrgicos da CSN e soldados do Exército fez da operação em Volta Redonda a mais violenta intervenção das Forças Armadas em movimentos grevistas desde a instalação da Nova República, em março de 1985 – um período que também poderia ser chamado de Era Urutu, dada a persistente presença desse carro de combate nesse tipo de empreendimento.⁸

No âmbito sindical, as avaliações distintas que CUT e o então presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos, Luiz Antônio de Medeiros, fizeram acerca da operação militar em Volta Redonda tinham como pano de fundo os posicionamentos diametralmente opostos quanto à proposta de pacto social que o Governo Sarney tentava articular. Para Medeiros, *o que aconteceu em Volta Redonda é um retrocesso e vai influenciar de maneira negativa, pois tira um fator indispensável na negociação que é a confiança entre as partes.* O dirigente sindical

⁶ O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 nov. 1988.

⁷ Idem.

⁸ Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 nov. 1988.

afirmou, porém, que as negociações sobre o acordo anti-inflacionário não serão interrompidas.⁹

Já a CUT assim se manifestava, em nota oficial:

Os metalúrgicos de Volta Redonda, lutando por suas justas reivindicações, garantidas pela Constituição em vigor, foram violentamente atacados por forças da PM e do Exército por ordem do governo Sarney, dessa forma atingindo toda a classe trabalhadora. (...) Sustentada pelo PMDB, PFL, PDS e PL, a “Nova República” massacra trabalhadores à luz do dia, mostrando que tem pouca diferença com a ditadura militar que fazia o mesmo nos porões. E a enganação da “Nova República” continua com o Pacto Social. Patrões e traidores dos trabalhadores se associam ao governo para enganar mais uma vez, como fizeram por ocasião do Plano Cruzado, Plano Bresser, com o único intuito de deter o crescimento das forças populares nas eleições da próxima semana.

O fato de a greve ter sido de ocupação causou reações contrárias mesmo da parte da principal liderança pedetista, Leonel Brizola:

A ocupação da CSN por parte dos operários constituiu polêmica dentro do próprio PDT. Leonel Brizola, presidente nacional do partido, condenou Sarney pela autorização expressa para o Exército intervir na CSN. Entretanto, adjetivou de equivocada a modalidade da greve: “Não reconhecemos, em nome do direito de greve, o direito de ocupação de fábricas, nem fábricas do governo, nem particulares.”¹⁰

Através de um pronunciamento em rede nacional de TV, no dia 10 de novembro, às 20h, do Ministro da Justiça, Paulo Brossard, o Governo Sarney deu a sua versão do episódio:

⁹ *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1988.

¹⁰ *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 nov. 1988.

Depois da violência praticada em relação à fábrica, em relação às instalações da CSN, com violência foi recebida a força destinada a proteger o patrimônio nacional representado por aquele complexo de bens. O resultado da exacerbação, da alucinada exacerbação, verificada em Volta Redonda foi um passivo de mortes e de feridos, fato profundamente lamentável. Não há quem ignore, porém, que existem os setores extremados que andam à cata de mortos para facilitar a sua ação antidemocrática, porque um cadáver é importante elemento de combustão psicológica e social.¹¹

A Igreja católica, em Volta Redonda, que há muito desempenha um papel destacado junto aos movimentos populares e mesmo sindical sob o episcopado de D. Waldyr Calheiros, faz-se fartamente presente, sob a forma documental, no Fundo VR. O mesmo ocorre com parte do que se produziu no Centro de Memória Sindical de Volta Redonda.¹²

Alguns temas significativos para as Ciências Sociais e, conseqüentemente, para a compreensão da realidade brasileira, encontram-se contemplados no material disponibilizado pelo Fundo VR. Além das concepções de organização sindical em permanente disputa, já aludidas acima, queremos destacar outros dois: a natureza autocrática da Nova República e as razões da crise da CSN, com todas as implicações relacionadas à sua privatização. Sobre este último, o Sindicato dos Metalúrgicos e o Sindicato dos Engenheiros de Volta Redonda, durante a campanha salarial de 1989, elaboraram um estudo cujo eixo foi a compreensão dos motivos pelos quais a CSN passava por grave crise financeira. Tal estudo foi divulgado, em versão resumida, sob o título *A Quem Interessa a Crise na CSN?* Além de reconhecer os fatores históricos que transformaram a CSN em subsidiadora do setor privado e em mecanismo governamental de controle inflacionário, esse estudo denunciava que

¹¹ *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 nov. 1988.

¹² Este centro nasceu de um convênio firmado entre o Sindicato dos Metalúrgicos e o Centro de Cultura Popular, em torno do qual se reuniram vários profissionais que pesquisavam, sob vários aspectos, a realidade de Volta Redonda.

(...) para demonstrar eficiência à frente da empresa, satisfazendo, assim, aos interessados e contratos de fornecimento e de transporte, e aos privilegiados em maiores cotas do aço subsidiado, a atual diretoria da CSN desencadeou um processo de produção a qualquer custo, que comprometeu o estado dos combalidos equipamentos que já necessitavam de vultosos investimentos para sua recuperação (...). Nesta batalha de se produzir mais e mais, as baixas são cada vez maiores. O resultado de uma política dessas é terra arrasada. São equipamentos e homens no limite da exaustão(...). Este quadro bastou para que os urubus da privatização começassem a se utilizar da imprensa para veicular notícias, informes, fofocas e comentários sobre a ineficácia da CSN. As pressões e assaltos dos setores privatistas atingiram nível que conduziram o próprio presidente Juvenal a admitir que a melhor solução para a empresa seria a sua privatização, como afirmou para a revista Exame de 05 abr. 1989.

Com relação à natureza autocrática da Nova República, o Fundo VR inclui extenso material sobre como, em Volta Redonda, esse elemento constitutivo do Governo Sarney se fazia presente. Isto pode ser ilustrado com os documentos sobre as greves que antecederam à de novembro de 1988.

A primeira greve na CSN só ocorreu 43 anos após a sua criação, no ano de 1984, com duração de cinco dias. Ainda sem a truculência que aconteceria em outras greves, já nesse movimento houve a intervenção militar. Em dezembro de 1985, os trabalhadores da CSN cruzaram os braços por um dia, na “greve da castanha”, denominação devida à época natalina.

Em 1986, houve novamente uma greve. No dia 1º de outubro, época em que Paulo Brossard era Ministro da Justiça e Hugo Castelo Branco respondia pela Ministério da Indústria e Comércio, a greve foi feita do lado de fora, com a organização de piquetes, precisamente pela avaliação que os trabalhadores fizeram, com relação a uma provável intervenção do Exército. A avaliação mostrou-se correta. Pela primeira vez o Exército invadiu a CSN, numa operação antiguerrilha. A repressão levou os operários a retornarem ao trabalho no dia seguinte. O clima de revolta, já agravado pela invasão militar, reforçava-se com a

indignação que existia pela omissão do Exército em combater, por exemplo, as causas do desabastecimento generalizado, que se deu com o Plano Cruzado do Presidente Sarney e, em contrapartida, pela agilidade com que este mesmo Exército derrubou a greve na CSN.

Em 12 de dezembro de 1986 houve a greve geral, convocada pela CUT, e, mais uma vez, o Exército ocupou a CSN. Dessa vez os militares atuaram no sentido de obrigar a entrada dos operários na usina. O autoritarismo, dessa feita, ocupou a CSN e empurrou os operários para dentro.

A campanha salarial de maio e junho de 1987 deu-se em uma situação onde o sindicato assumiu, de fato, compromisso com toda a sua base, não se restringindo, mais, aos operários da CSN. Reuniões setoriais, boletins diários, assembléias gerais marcaram esse novo patamar de organização e inserção do sindicato na base da categoria metalúrgica. Estabelecida a negociação, não houve avanço e realizou-se uma greve de 5 dias, parando a produção da CSN e da Fábrica de Estruturas Metálicas. Os acordos salariais decorrentes dessa greve superaram a imensa maioria dos acordos obtidos por outras categorias no país todo. Entretanto, crescia a compreensão, nos metalúrgicos de Volta Redonda, de que aquelas conquistas logo seriam deglutidas pelo quadro inflacionário instalado no país.

Em agosto de 1987, a Central Única dos Trabalhadores convocou greve geral.

Volta Redonda pára, e lá vem Exército; a mesma coisa, todo mundo parado e o Exército entra na usina. Agora o trabalhador tinha visto a cara do Exército três vezes, perdeu um pouco do medo. Ainda tinha respeito, mas já não tinha mais tanto medo. Desta vez o Exército resolveu - certa hora - tirar o pessoal na porrada. O oficial ordenou que os soldados avançassem de baionetas caladas para cima dos operários (...). Aí houve troca de insultos, que depois desembocaram em agressões, e o Exército entrou na usina debaixo de pedrada (...). O Exército prendeu quatro diretores e mais uns ativistas que estavam lá, desbaratinou, e como resultado o movimento acabou. O pessoal saiu e a greve mais uma vez terminou. O Exército tirou a turma

*para fora mais uma vez. Os trabalhadores já estavam ficando de saco cheio com os milicos.*¹³

A essa mudança, na forma de *conviver* com as invasões do Exército, somaram-se outros fatores ainda em 1987, que foram agravando o clima já tenso. Além do arrocho salarial, o movimento dos trabalhadores, agora, passava a ter como peso as muitas demissões realizadas depois da greve de agosto/87 e, principalmente, sofria um deliberado e forte combate à organização sindical que vinha se enraizando no interior da CSN. Os ativistas sindicais, os membros da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA (cipeiros)¹⁴ e os diretores que ainda trabalhavam foram demitidos, além de incluídos em inquérito administrativo.¹⁵ O total de demitidos foi de 58, incluindo 22 diretores. A quebra das lideranças sindicais, no caso combativas, mostrou-se parte imprescindível ao enfraquecimento do movimento dos trabalhadores. Os operários da CSN denominaram o clima que se seguiu a essas medidas de “grande repressão”, que, para muitos, tornou insuportável o ambiente na usina.

A militarização na CSN permanecia sendo a sua marca:

O período de maior repressão dentro da empresa começou com a vinda do diretor de operações Ari Souto. As rondas começaram com o próprio diretor. Ele entrava de madrugada na empresa, se pegasse alguém cochilando ou dormindo no turno, punia ou com gancho - no linguajar operário é quando o indivíduo está suspenso - ou com demissão sumária. (...) As patrulhas noturnas saem fazendo ronda igual a quartel, e assim foram demitidos vários trabalhadores porque estavam

¹³ VEIGA, S.; FONSECA, I. *Volta Redonda entre o aço e as armas*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 70-71.

¹⁴ De 1985 a 1987, período em que a CIPA funcionou efetivamente na defesa dos interesses dos trabalhadores, o número de acidentes foi sendo reduzido a níveis mínimos (três no primeiro ano, dois no segundo e nenhum no último); com a retomada da CIPA por pessoas indicadas pela diretoria da CSN, a situação foi revertida, em prejuízo aos operários, pois, no ano de 1987, já ocorreram nove mortes por acidentes de trabalho e, em 1988, outras 15, sendo dois no alto-forno, em apenas uma semana.

¹⁵ VEIGA, S.; FONSECA, I., *op. cit.*, p. 73.

*cochilando em cima da mesa. A ronda chegou, entregou; resultado: demissão. Gente de dezoito, vinte anos de casa, ótimos profissionais. Assim, o Ari ganhou fama de mau entre os operários. Há alguns anos ele vem implantando esse regime de mão de ferro, arrochando cada vez mais, exigindo produção (...) Internamente é um verdadeiro regime de terror.*¹⁶

No entanto, apesar da investida, por parte da direção da CSN, sobre a organização sindical, a opção que o sindicato fizera com relação às comissões internas houvera deixado lastro. Com as demissões de boa parte das lideranças sindicais, os trabalhadores começaram a se articular sozinhos dentro da CSN. Um razoável número de comissões de fábrica clandestinas (talvez o termo melhor seja “autônomas”, no sentido de que funcionaram, a partir daquele momento, sem uma atuação direta do sindicato) apareceu, e práticas de resistência como paralisações de meia hora e boicotes às refeições foram desenvolvidos. Intensificavam-se a organização interna e a insatisfação com o arrocho salarial e com a repressão dentro da usina.

Por fim, em janeiro de 1988 aconteceu uma greve de peão dentro da CSN, abrangendo cerca de 400 trabalhadores da Montreal, que é uma empreiteira prestadora de serviço para a CSN. O Sindicato tentou estabelecer negociações, mas a Montreal mostrou-se irredutível. Novamente o Exército entrou na usina e colocou fim à greve.¹⁷ Mesmo com o fato da Montreal ser uma empresa multinacional, não tendo nada a ver com o patrimônio da CSN, o Exército invadiu a usina.

Assim, não obstante o recorte que nossa pesquisa teve, um conjunto de possibilidades se abriu à reflexão a partir do trabalho com o Fundo VR, tais como:

- a) emergência dos confrontos, dos dilemas e das posições dos vários atores sociais envolvidos;
- b) desvendamento da dinâmica dos processos político-econômico-sociais concretos;
- c) resgate de falas abafadas pelas versões oficiais;

¹⁶ *Ibid.*, p. 28-29.

¹⁷ *Ibid.*, p. 74.

d) percepção da historicidade de processos absolutamente atuais, como, por exemplo, as privatizações e a disputa pela orientação político-ideológica no campo sindical e a relação desta com outro embate, de maior envergadura, qual seja, o da hegemonia numa sociedade.

RESULTADOS DA PESQUISA

A greve, realizada entre 7 e 23 de novembro de 1988, na CSN, correspondeu a um movimento de cobrança dos operários: cobrança de reposição das perdas salariais, do fim do insuportável clima de repressão e despotismo fabris, de direitos assegurados pela própria Constituição e de revisão das demissões aplicadas sobre trabalhadores e lideranças sindicais, em decorrência de participação em outras greves. A pauta de reivindicações, aprovada a partir das assembléias setoriais, era composta por estes pontos:

- a) pagamento de 17,68% relativos à URP de julho;
- b) pagamento dos 26,06% do Plano Bresser;¹⁸
- c) implantação do turno de 6 horas;¹⁹
- d) readmissão dos demitidos por motivo de greve;
- e) fim da repressão por parte da direção e chefias da CSN.

Nitidamente a pauta buscava combater o arrocho salarial e o despotismo fabril, além de exigir o cumprimento de um direito assegurado pela Constituição que, diga-se de passagem, sequer carecia de lei complementar, uma vez que sua aplicabilidade era imediata. Podemos dizer que, do ponto de vista das reivindicações, essa greve se apresentou como sendo uma greve

¹⁸ Os 26,06% de reajuste, relativos às perdas do Plano Bresser, já haviam sido concedidos a alguns trabalhadores, tanto do setor privado quanto do setor público, como foram os casos dos bancários do Banco do Brasil e dos empregados da Vale do Rio Doce.

¹⁹ A implantação do turno de 6 horas foi uma conquista dos trabalhadores na Assembléia Nacional Constituinte. Tal conquista entrou em vigor em 5 de outubro de 1988, com a promulgação da Constituição Federal, conforme o previsto no Artigo 6, Inciso XIV.

de cobrança, buscando, efetivamente, em dois itens a e b fazer valer os mecanismos que garantiriam o poder aquisitivo dos salários; de outro lado, a observância de dispositivo constitucional era objeto do item c, cabendo aos demais pontos a resistência contra arbitrariedades e manifestações despóticas.

A empresa recebeu esta pauta com total descaso. Com isso, no dia 4 de novembro (sexta-feira) foi aprovada a proposta de greve, em uma assembléia que reuniu mais de 12 mil trabalhadores (número muito expressivo, pois a média de participação oscilava entre 3 mil e 4 mil), porém com início programado para o dia 7 (segunda-feira), em função de haver mais tempo para a preparação e de, com isso, neutralizar a pressão que a empresa exerceria no fim de semana, caso se iniciasse a greve na própria sexta-feira.

O eixo fundamental presente na causalidade dessa greve foi a luta contra o arrocho salarial em que estavam vivendo os operários siderúrgicos. À característica primeira do capitalismo no Brasil (aumento da extração da mais-valia prioritariamente através da sua modalidade absoluta, aliado à remuneração da força de trabalho, via de regra, aquém do seu valor de troca), os trabalhadores da CSN recorreram à greve como instrumento de luta para lhe fazer frente. O aviltamento salarial, a intensificação do ritmo de trabalho e o despotismo fabril passavam a ser, através da greve, enfrentados com firme resistência.

A ênfase da greve de novembro - a exemplo do que se dava com o conjunto do movimento sindical brasileiro no período - estava na luta pela reposição salarial, em meio a um quadro inflacionário acentuado, como já dissemos acima. Isso representou (como, de resto, representa sempre) um dilema para os trabalhadores. De um lado, a manutenção de patamares salariais minimamente aceitáveis consumia grandes esforços organizativos e de mobilização dos trabalhadores e suas formas de luta, e não empreendê-los significaria ficar no limiar da sobrevivência. A luta econômica impôs-se irrefutavelmente.

Profundamente marcada, em sua gênese, pela luta contra a superexploração da força de trabalho, a paralisação contou com um processo intenso de preparação por parte das comissões autônomas dos operários que, a partir da impossibilidade da presença de diretores sindicais na CSN, assumiram e aprofundaram o trabalho de formação, organização e politização dos operários. Se a espontaneidade dos trabalhadores imprimiu

um ritmo acelerado à deflagração da greve, ela teve um profundo significado político, exatamente porque foi dirigida politicamente, ou seja, adquiriu claros contornos de confronto com o aparato de Estado, implicou crítica aguda ao cerne da configuração econômica do período (precisamente porque se contrapôs à política de arrocho salarial). Seu significado político também se evidenciou pela luta democrática em que se converteu. Não nos duvidosos, estreitos e formais “compromissos” democráticos das classes dominantes brasileiras, mas na luta pelo aprofundamento e ampliação dos direitos sociais. A natureza autocrática da Nova República veio à tona de maneira inequívoca, bem como o papel de tutor, desempenhado pelas Forças Armadas.

Essa greve ensejou, ainda, a explicitação do real sentido inscrito na proposta patronal e governamental do Pacto Social, isto é, contenção das mobilizações dos trabalhadores que, outrossim, deveriam moderar suas pretensões políticas. A “gradual, lenta e progressiva” transição “democrática” revelou ser, como de outras vezes, uma reforma pelo alto, um pacto das classes dominantes, com a preservação de práticas autocráticas, sob a tutela militar.

Desde a primeira greve na CSN, em 1984, as famílias dos trabalhadores se engajaram nas mobilizações. Com a acúmulo de experiências, o movimento sindical participou efetivamente da criação da Frente Sindical-Popular de Volta Redonda. Essa Frente representava, assim, um instrumento ulterior do movimento social na cidade do aço. Um instrumento que se constituiu no principal responsável pelas manifestações de apoio à greve de novembro de 1988.

A Frente Sindical-Popular de Volta Redonda buscou inspiração na de Barra Mansa e articulava, no mesmo movimento, diversas organizações da cidade, tais como sindicatos (por exemplo, os sindicatos dos metalúrgicos, construção civil, professores), associações de moradores, membros das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, estudantes, Associação de Lavadeiras, Movimento Negro, Central Única dos Trabalhadores - CUT, mantendo-se aberta à participação de todas as entidades populares.

Tendo como objetivo principal relacionar os movimentos populares com os sindicais, essa Frente se encarregava de preparar manifestações mais amplas, que demandassem maiores esforços na divulgação e realização. E esta foi a situação do Abraço

à Usina, que acabou se tornando na mais evidente demonstração de solidariedade à greve dos operários da CSN, enfatizando, ademais, a luta contra a sua privatização. A direção da empresa tentou esvaziar o ato, colocando veículos para transportar operários presentes ao ato para o trabalho. O que acabou esvaziado foi um razoável número de pneus desses veículos, pois a população encampou a manifestação. Segundo a cobertura da imprensa,

mais de 50 mil pessoas deram ontem, em Volta Redonda, no final da tarde, uma prova de carinho à CSN, num enorme abraço de 12 quilômetros em volta do prédio da empresa. A manifestação foi organizada pela Frente Popular e Sindical, contra a privatização ou desativação da maior usina siderúrgica da América Latina. Depois da manifestação, que se transformou numa passeata acompanhada de carros e motos, a multidão tomou a praça em frente ao prédio da CSN, onde entre gritos de não à privatização e exibição de faixas contrárias à desativação da usina, foi cantado o Hino Nacional. A manifestação começou por volta das 17h30, com operários ao lado de suas famílias e outros moradores da cidade se concentrando ao longo da avenida Independência, em frente ao portão principal da usina. O grande abraço em torno da empresa foi seguido de palmas e gritos de fora Sarney e não à violência militar.²⁰

O ato do Abraço à Usina ocorreu em 21 de novembro de 1988, reunindo cerca de 60 mil pessoas (há controvérsias quanto ao total de participantes, oscilando entre 50 mil e 70 mil) que circunscreveram a CSN de mãos dadas. Ele foi organizado pela Frente Sindical-Popular de Volta Redonda, coordenada pelos dirigentes metalúrgicos Wanderlei, Wagner e Luizinho.

Pelo salto qualitativo que a greve deu após a invasão do Exército, adquirindo o confronto uma outra dimensão, com o engajamento da população de Volta Redonda, sob a direção política dos operários, na defesa das reivindicações dos trabalhadores e no firme contraponto que se estabeleceu às já

²⁰ O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 nov. 1988.

fortes pretensões governamentais de privatização da CSN, é possível concluir que Volta Redonda foi palco de uma greve vitoriosa e de significação política, produzindo expressivos impactos, inclusive no âmbito eleitoral. Tratou-se de uma vitória ensejada e tornada possível a partir da truculência militar. Os operários, além de conquistarem parcialmente suas reivindicações, impuseram uma derrota ao Exército, que se curvou à exigência operária de retorno ao trabalho apenas com a saída das tropas do interior da CSN.

**THE MANUSCRIPT HOLDINGS OF THE VOLTA REDONDA
METALLURGIST TRADE UNION: A RESEARCH
EXPERIENCE**

ABSTRACT

This paper discusses the sources available in the collection of the Volta Redonda Metalworkers Trade Union held by the Edgard Leuenroth Archive , and the possibilities this collection opened for the research the author was carrying out for his M. A. thesis. The paper focus on the themes and conclusions of the research concerning the strike at the Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, in November 1988.

KEYWORDS

Strikes and lockouts; Trade unionism; Labour and labouring classes; Companhia Siderúrgica Nacional (Brazil)



BUSTOS, Osmar. Operários da CSN em manifestação pública. Volta Redonda, RJ, 10 nov. 1988. (AEL/Fundo Voz da Unidade, fot. VU/SIN 01758, pasta 59).